



REVISTA

N.º 3 / AGOSTO 2022 / GRATUITO

ÍNDICE

- 1 Editorial
André Rijo, Presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
- 3 Cultura somos todos
Carlos Alves, Vice-presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
- 7 A Festa de Agosto – história, cultura e tradição
Jorge Lopes, Técnico Superior (Arqueólogo) da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos e responsável pelo processo de inventariação
- 17 Processo de inventariação e Património Imaterial “Festas em Honra de Nossa Senhora da Salvação”
Paula Ferreira Sousa, Técnica Superior (História) da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos e responsável pelo processo de inventariação
- 20 Festa Anual de Nossa Senhora da Salvação – Tertúlias Móveis, o convívio em tempo de transgressão
Jorge da Cunha
- 30 Praça de Toiros de Arruda dos Vinhos – Nos 60 anos da sua reinauguração (1961 – 2021)
Catarina Bexiga
- 36 A história da Tertúlia Bons Amigos
- 38 A história da Tertúlia Gastronómica Arrudense
- 40 A história da Tertúlia da Amizade

FICHA TÉCNICA

Título:	Revista “Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos”
Propriedade:	Município de Arruda dos Vinhos Largo Miguel Bombarda / 2630-112 Arruda dos Vinhos Telefone: 263 977 000 / cm-arruda@cm-arruda.pt
Diretor:	André Rijo, Presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
Coordenação de Conteúdos:	Jorge Lopes e Paula Ferreira Sousa (CEIAV – Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos) Catarina Bexiga
Revisão de textos:	Ana Correia (Chefe da Unidade de Educação, Cultura, Turismo e Juventude)
Paginação e Grafismo:	Cláudia Jaleco (Gabinete Comunicação e Imagem – Câmara Municipal Arruda dos Vinhos)
Colaboraram neste número:	André Rijo, Carlos Alves, Jorge Lopes, Paula Ferreira Sousa, Jorge da Cunha, Catarina Bexiga, Tertúlia Bons Amigos, Tertúlia Gastronómica Arrudense e Tertúlia da Amizade
Impressão:	LouresGráfica
Distribuição:	Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos
Tiragem:	1000 exemplares
Periodicidade:	Anual
Depósito Legal:	459750/19

Esta é a 3.ª edição da revista cuja publicação iniciámos na altura da entrega da candidatura das tertúlias móveis como parte substancial do nosso património imaterial e, por conseguinte, a sua inventariação como tal, junto da Direção-Geral do Património Cultural.

As tertúlias móveis, como algo singular no território nacional, com todo o seu colorido, com o cada vez maior número de tertulianos que anualmente se juntam para fazer a Festa é, sem dúvida, um dos principais atrativos da Festa em Honra de N.ª Senhora da Salvação.

Neste momento talvez seja raro encontrar um habitante no Concelho de Arruda que não pertença ou não tenha alguém próximo de si que faça parte do movimento Tertuliano, que cada vez mais tem sabido granjear “novos e jovens adeptos”, num misto de organização de promoção da amizade, fraternidade, solidariedade e até cultura. Nos últimos 30 anos a pujança que as Tertúlias conquistaram e o marco incontornável em que se tornaram no contexto de Arruda dos Vinhos é digno de assinalar.

Neste momento podemos mesmo afirmar: “se podia existir a Festa em Honra de N.ª Senhora da Salvação sem as Tertúlias? Poder, podia... Mas não era a mesma coisa!”

Nesta edição, sem esquecermos naturalmente as nossas Tertúlias, vamos no entanto debruçar-nos mais sobre a Festa, visto que não existiriam Tertúlias sem existir a Festa em Honra de N.ª Senhora da Salvação. Esta Festa, a Festa do Concelho que, segundo a tradição oral histórica, se faz desde inícios do Séc. XVI a “mando” do Rei D. Manuel I, como sinal de reconhecimento à Vila de Arruda dos Vinhos que o acolheu e “salvou”, a ele e à Corte, da Peste, assim como ampliou a



Igreja mudando-lhe a invocação de Santa Maria de Arruda para N.ª Senhora da Salvação.

De lá até aos dias de hoje, esta Festa “mexe” verdadeiramente com os Arrudenses e não é indiferente a quem visita Arruda dos Vinhos dos dias 6 a 18 de Agosto. Ter o privilégio de acompanhar a procissão do “15 de Agosto”, em que N.ª Senhora da Salvação sai às ruas para levar conforto ao seu povo devoto, com o seu ar sereno, e de paz, e olhar a devoção e a comoção de todo um povo à sua passagem, é algo que nunca esqueceremos. Com mais ou menos fé, é impossível a qualquer um de nós ficar indiferente a tão majestosa manifestação de afeto pela “Mãe de todos os Arrudenses” que, como diz o seu virtuoso hino, a “todos ampara”.

Não é possível conceber a existência de vida humana em Arruda sem a Festa em Honra de N.ª Senhora da Salvação, e isso diz tudo sobre a sua importância e sobre o verdadeiro significado do que é ser Arrudense!

André Rijo

Presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos



» Foto cedida por Catarina Bexiga

CULTURA SOMOS TODOS

Carlos Alves, Vice-presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos

“Reconhecer a cultura como um fator transversal a toda a sociedade que corresponde à sua evolução civilizacional e que propicia aos povos os seus elementos identitários é fundamental.”

Integrado na agenda do Centro Cultural do Morgado “Conversas à Capela” é um espaço des-sacralizado, como o local onde ocorre (a capela do Centro Cultural do Morgado), de debate com periodicidade trimestral. Um momento de diálogo e reflexão, sem tabus e com abertura apta a des-creditar estereótipos. Pretende ser um *Think Tank* informal sem painel de participantes residente e capaz de refletir sobre temáticas locais com transversalidade e abrangência geral.

O “Conversas à Capela” serve para no contexto da publicação que agora se oferece à população motivada pelas festividades tradicionais perceber que urge preservar, valorizar e divulgar o património cultural material e imaterial. Agregado a esse património existem memórias tangíveis e intangíveis caracterizadoras da identidade das regiões. Deve ser, assim, objetivo prioritário garantir que a educação e a cultura sejam fatores de integração social e comunitária. É a cultura que é a alma das gentes.

É por isso que se as culturas populares, originariamente nos antípodas das culturas das classes dominantes se deixarem de expressar são totalmente integradas e isso gera, inevitavelmente, um *déficit* identitário.

A aposta na cultura é e será sempre, como é fácil perceber, uma mais-valia, o que implica imprimir um caráter transversal à política cultural e desenvolver um trabalho em rede entre a administração central e local.

Reconhecer a cultura como um fator transversal a toda a sociedade que corresponde à sua evolução civilizacional e que propicia aos povos os seus elementos identitários é fundamental. Mas, num mundo globalizado poderá haver a tentação da opção higienizada dos brandos costumes que hipoteque a liberdade dos cidadãos. A escalada do “politicamente correto” não pode no seu crescendo distrair-nos de um repto que é um apelo de não deixar morrer a identidade local. Respeito pela cultura naquilo que esta tem de identitário é

imprescindível. Acrescenta sempre valor a essa cadeia. De forma simples, integradora e conciliadora, entre outras coisas, isso significa forçar a corrente num sentido em que a cultura não pode ser pensada, exclusivamente, para os que chegam até nós, mas, também, deve incluir as realidades locais.

No domínio das liberdades mais do que na relação direta estética e de ditadura de juízo de gosto “a tauromaquia faz parte do que fazemos porque queremos”, usando uma referência direta do primeiro “Conversas à Capela” de 20 de julho. Discutível, dirão alguns! Simplista, juntarão outros?! Serve, pelo menos, para consideração.

Também foi afirmado nesse fórum que a tauromaquia entendida como “cultura civilizacional” tem um discurso e vertente da vida e da morte. É isso admissível em nome da identidade local ou inevitável? Devemos renunciar a essa idiosincrasia? “Pode alguém ser quem não é?”, canta Sérgio Godinho.



» Conversas à Capela com Elísio Summavielle, Emiliano Dantas, Luís Capucha e Carlos Alves – Arquivo CMAV

Na justificação (mais do que no propósito da defesa) cabe a assunção de que esta é uma cultura que exalta a individualidade e não o sofrimento. Um espetáculo a que não vai toda a gente, popular, não de massas, onde vai quem quer. Suficiente? Reconhecer que não pode e não deve ser imposta “uma arte” oficial será, todavia, mais consensual.

Sem paternalismo ou dirigismo político, o elitismo deve dar lugar ao ecletismo e democratização. O fundamentalismo deve ser ultrapassado pelo respeito e a higienização dos costumes posta em perspetiva e deixar espaço à abertura. Sem comprometer as manifestações culturais que se assumem como uma componente identitária importante da população. Não serão as tertúlias móveis integradas nas festas em Honra de Nossa Senhora da Salvação, pelas suas características, um caso paradigmático quando não se restringem em termos de alcance aos que gostam da festa brava, mas que vão para além disso?

O primeiro “Conversas à Capela” foi um momento para se dizer isto com o ruído que é próprio de um espaço que se quer plural e onde se incentiva o contraditório. Pensar sobre o assunto é preciso! Mas, também, identificar a falsa dicotomia entre a alta cultura e a cultura popular e a obrigatoriedade do compromisso com um dos lados. Para contrariar a tendência para uma certa valorização exclusivista e fomentar a democratização e o livre acesso. A dita alta cultura e a cultura popular não precisam ser inimigos mortais. De uma forma mais ampla foi, igualmente, uma oportunidade para refletir sobre o que é isso de cultura e, em particular, a cultura imaterial e para pensar o que deve ser uma política cultural local num país com uma tradição municipalista politicamente fundacional. Sendo

os municípios por excelência empregadores culturais, mais não seja durante as festas populares ou na generalizada e recente encomenda municipal de arte urbana, as políticas culturais locais deverão ser integradoras e a cultura por excelência um elemento agregador de pessoas. A fórmula deverá, inevitavelmente, sempre incluir a educação para os hábitos culturais.

Ser Arrudense é ser muita coisa como referiu a 20 de julho alguém que tendo chegado ao território nos ofereceu sobre ele uma leitura fresca. Quiçá devido a essa multiplicidade de camadas identitárias enquanto cor Arruda dos Vinhos será sempre de uma tonalidade rica.

Arruda dos Vinhos tem, sem dúvida, muita cor. Uma paleta múltipla, indefinida e, sempre, democrática. De *afición*, recreação, etnografia, gastronomia, associativismo, ruralidade em proximidade com a urbe e isso honra e alcança todo o concelho, acrescento.

Fica o convite para participar no próximo “Conversas à Capela”, mas, agora, vamos à festa porque ela é parte integrante da cultura... popular. Porque a cultura será sempre vida, festa e celebração. E isso é agora mais importante do que nunca, nesta fase desconfinada que encetou uma nova normalidade re-quentada a que nos fomos habituando a custo e que se vai abrindo com os olhos saudosos postos no que era dantes. Longa vida, por isso, aos seculares e cheios de cor Festejos em Honra de Nossa Senhora da Salvação que são por excelência tradição, convívio e, não nos esqueçamos, ponto de encontro da diáspora arrudense espalhada pelo mundo que faz destes e em particular das tertúlias móveis o seu ponto de encontro e sala de visitas.



» Missa das Tertúlias, 2017 - Arquivo CMAV

A FESTA DE AGOSTO

HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO

Jorge Lopes, Técnico Superior (Arqueólogo) da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos e responsável pelo processo de inventariação

“O Culto a Nossa Senhora da Salvação de Arruda dos Vinhos trata-se de uma manifestação religiosa complexa, de prática fundamentalmente coletiva, mas também com expressão individual.”

1. O CULTO A NOSSA SENHORA DA SALVAÇÃO E AS FESTAS EM SUA HONRA

O culto a Nossa Senhora da Salvação é uma manifestação religiosa e que insere no tipo de culto Mariano, característico da prática cristã que tem grande expressão na cultura portuguesa.

Segundo a tradição oral, a devoção a Nossa Senhora da Salvação em Arruda dos Vinhos expressa-se (historicamente) a partir do séc. XVI, tendo vindo a sofrer alterações ao longo dos tempos. Esta manifestação de cariz religioso mantém o culto à Imagem de Nossa Senhora da Salvação, que se encontra acolhida todo o ano na Igreja Matriz de Arruda dos Vinhos, situada na parte antiga da vila de Arruda.

A origem deste culto e festividades, de acordo com a tradição oral, remonta ao ano de 1531, data da conclusão de ampliação da Igreja

Matriz, cuja evocação na época seria a Santa Maria¹ (Igreja Santa Maria de Arruda), tendo sido por esta altura mudada a evocação para Nossa Senhora da Salvação. Estas obras decorreram entre 1525 e 1531, e apesar de terem sido ordenadas por D. Manuel I, foram terminadas já no reinado de D. João III. Desde 1531 que se realiza todos os anos, no dia 15 de agosto, dia de Nossa Senhora da Assunção, a solene procissão em Honra de Nossa Senhora da Salvação, como voto de agradecimento do rei por ter passado por Arruda e se ter salvo da peste² (Câmara e Ferreira, 2006; Ferreira e Câmara, 1999; Lopes, 2017; Machado, 2017; Rogeiro, 1997). Embora pouco abordado na literatura histórica, o período mais conhecido da vila de Arruda e do seu concelho está relacionado com a estadia do rei D. Manuel I. É também no reinado de D. Manuel I que Arruda adquire estatuto de concelho, com a atribuição de Foral à vila de Arruda em 1517.

¹ A história da Igreja Matriz de Arruda dos Vinhos remonta aos primórdios da nacionalidade. Referências bibliográficas e informação oral referem que no local da atual igreja existiu uma pequena igreja/ermida mandada edificar por D. Afonso Henriques, por cima de um templo islâmico destruído durante as conquistas Cristãs (Lopes, 2017, p. 107). Um documento de D. Afonso Henriques, datado de 1172, refere a doação do castelo de Arruda à Ordem Militar de Santiago, um castelo erigido pelos Árabes, que por duas vezes foi conquistado pelos Cristãos, podendo estar relacionado com as conquistas cristãs e com a conquista da cidade de Lisboa em 1147 (Herculano, 1846-1853; Reuter, 1938). Em 1175 o rei doa a Igreja de Santa Maria de Arruda ao Mosteiro de São Vicente de Fora, continuando pertença dos freires de Lisboa em 1207, data em que dois juízes, a mando do Papa Inocêncio III, julgam certas questões entre o Mosteiro de São Vicente e os freires de Santiago, em que se regula o modelo de divisão de direitos, daí sai a decisão, a vila de Arruda ficará para os freires de Santiago e a Igreja de Santa Maria de Arruda fica para o Mosteiro de São Vicente de Fora.

1.1. AS FESTIVIDADES

Os festejos em Honra de Nossa Senhora da Salvação são também denominados de Festa de Agosto. Atualmente a organização e promoção das festividades são da responsabilidade da Câmara Municipal. Porém, até à década de 80 do século XX esta responsabilidade estava a cargo da Paróquia e da Comissão de Festas. Assim, a Irmandade de Nossa Senhora da Salvação, Irmandade que tinha a função de administrar a Fábrica Paroquial, em conjunto com os párocos, organizavam a parte religiosa da festa, com alguma intervenção na componente profana (Câmara e Ferreira, 2006, p. 17).

Tradicionalmente a Irmandade realizava um peditório anual, sendo doado pela população cereais (cevada, milho e trigo) que depois eram vendidos e os ganhos obtidos revertiam a favor da organização dos festejos de dia 14 e 15 de

² Uma outra versão da lenda refere que a mudança do nome da Virgem teria sido motivada pelo grande número de arrudenses, da melhor nobreza, que embarcaram nas naus e galeões a conquistar e firmar o Império Português. Sobre a Igreja e a Imagem de Nossa Senhora da Salvação, conta a lenda que a imagem foi salva de cair em poder dos mouros pelos seus fiéis (Lopes, 2017, p. 104).



» Igreja Matriz de Arruda dos Vinhos / Igreja de Nossa Senhora da Salvação - Arquivo CMAV

agosto, que decorriam no Adro da Igreja, o que por este motivo era também apelidada de *Festa de Baixo* ou *Festa do Adro*, sobretudo nos anos 20 e 30 do século passado (Câmara e Ferreira, 2006). Esta prática durou até finais da década de 60 do século XX, época em que passou a oferecer-se dinheiro.

O Culto a Nossa Senhora da Salvação de Arruda dos Vinhos trata-se de uma manifestação religiosa complexa, de prática fundamentalmente coletiva, mas também com expressão individual. A dimensão religiosa convive com a dimensão profana. O seu caráter popular é expresso de forma bastante vincado, considerando-se uma parte fundamental da identidade dos festejos e da própria comu-

nidade. Este culto é parte importante da identidade dos habitantes deste concelho, atravessando diferentes gerações e dimensões sociais da comunidade arrudense. Sendo uma manifestação exercida pela comunidade e para a comunidade, a sua forte índole popular, apesar de intimamente aportada à dimensão religiosa, apresenta elementos profanos que lhe conferem um caráter distinto, o que é o caso das tradições tauromáquicas de cariz popular (as largadas de touros pelas ruas da vila e as Tertúlias Móveis, as corridas de touros na Praça de Touros José Marques Simões) e a animação que se instala no Jardim Municipal nos dias da festa (concertos de música, artesanato, e as tasquinhas representativas de algumas coletividades concelhias).

1.1.1. O PROGRAMA DA FESTA: O SAGRADO E O PROFANO

Todos os anos a tradição cumpre-se durante 13 dias, entre 6 e 18 de agosto. O programa dos Festejos segue desde há vários anos uma programação onde as festividades religiosas convivem intimamente com as tradições não religiosas, pois estas últimas só existem por causa das primeiras. O Município de Arruda dos Vinhos assume um papel dinamizador destes Festejos Seculares que, para além do município, contam também com a participação da Paróquia, associações e coletividades que animam o Jardim Municipal com as “tabernas”, artesãos e comerciantes, entidades ligadas à tauromaquia, e não menos importante, as Tertúlias.

O programa inicia a 6 de agosto com as novenas diárias que se estendem até ao dia 14 de agosto, realizando-se a procissão de velas na noite de 12 de agosto, prática iniciada em 1928. No domingo que antecede o dia 14 de agosto, realiza-se na Igreja Matriz a Missa das Tertúlias. No dia 13, celebra-se a *Missa dos Doentes*. A 15 de agosto, durante a tarde, a imagem de Nossa Senhora da Salvação percorre em procissão as ruas da vila, abençoando os devotos e festeiros. No dia 15 de agosto, dia alto das celebrações religiosas, é também realizada a Missa da Festa da parte da manhã e de tarde, antecedendo a procissão de Nossa Senhora da Salvação, é celebrada a *Missa para os Forasteiros*. Neste dia as varandas das ruas por onde passa a procissão exibem as tradicionais colchas, sinal de reverência à passagem da Imagem.

Entre os dias 10 e 12 de agosto dá-se o início da componente profana, marcado pela inauguração da iluminação das ruas da festa e com a inauguração de uma exposição temática sobre



» Procissão de 15 de agosto, 1963 - Arquivo Paroquial

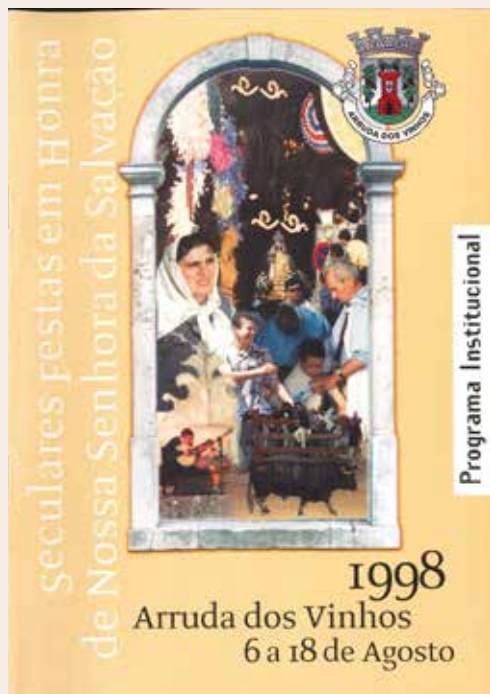
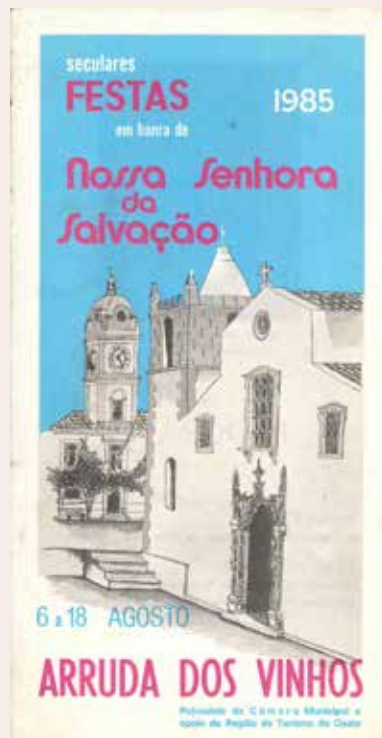


a história e etnografia do concelho, organizada pela Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, e que se prolonga até ao final do mês. Entre 11 e 18 de agosto, o Jardim Municipal é animado com música (DJs e concertos de grupos musicais), sendo que o espetáculo musical de dia 18 de agosto, o último dia das festividades, é dedicado geralmente ao fado. Na noite de 14 de agosto é a noite da sardinha assada, oferecida à população pela autarquia. É também entre os dias 10 e 12 de agosto que se realiza na Praça de Touros José Marques Simões, o concerto de *Concerto de Bandas Francisco Rosa Mendes*, organizado pela Santa Casa da Misericórdia de Arruda dos Vinhos desde o ano de 2012. A praça, como também é tradição desde 1925, acolhe nos dias 16 e 17 de agosto as tradicionais corridas de touros.

1.2. OUTRAS TRADIÇÕES ASSOCIADAS: AS TERTÚLIAS MÓVEIS

A origem da festa é efetivamente de origem religiosa, embora com o tempo fora enriquecida com a componente profana, influenciada pelas características culturais, etnográficas e sociais desta região, em específico do concelho e comunidade arrudense. É dentro deste contexto que as largadas de touros ganharam grande relevo ao longo dos tempos e mais tarde as Tertúlias Móveis. A tradição das largadas de touros pelas ruas da vila remonta, pelo menos ao séc. XV, por ocasião da *Festa de Santiago* (Vargas, 2017).

As Tertúlias Móveis são uma tradição que se enraizou na população arrudense desde a década de 70 do século XX, realizando-se todos os anos. Embora a origem das festas do concelho seja religiosa, a componente não religiosa tem,



» Cartazes Festas de agosto, anos 1946, 1985, 1998 e 2018



» Concerto de José Cid, 2019, Jardim Municipal / Concerto de Gisela João, 2019, Largo Miguel Bombarda - Arquivo CMAV

ao longo dos tempos, vindo a assumir uma importância crescente, nomeadamente as largadas de touros e as Tertúlias Móveis. Esta tradição (Tertúlias Móveis/ Largadas de Touros) tem vindo a ganhar força graças ao aumento do número de Tertulianos e de visitantes que participam nas festividades, em especial nas largadas de touros. As Tertúlias Móveis reúnem-se anualmente em agosto, no âmbito das largadas de touros pelas ruas da vila, inseridas nas Festividades em Honra de Nossa Senhora da Salvação. Durante este mês a população da vila aumenta. Por esta altura muitos arrudenses que trabalham e vivem fora de Arruda dos

Vinhos, em Portugal ou na diáspora, regressam em férias, mobilizando-se assim milhares de pessoas para as festividades.

Reconhecendo a importância das Tertúlias Móveis, da necessidade da sua valorização e preservação, a Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, em concordância e com o apoio da comunidade Tertuliana, decidiu instituir no ano de 2018 o dia 14 de agosto como o *Dia das Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos*. Este dia representa agora o dia daqueles que contribuem para a perpetuação dos valores e das tradições locais, aproximam e desenvolvem o espírito e valores comunitários.



» Dia 14 de agosto de 2018, primeira celebração do dia da Tertúlias Móveis – Arquivo CMAV

Tudo isto é refletido e complementado pela devoção a Nossa Senhora da Salvação que está presente em todas as Tertúlias.

No domingo que antecede o dia 14 de agosto, realiza-se na Igreja Matriz a *Missa das Tertúlias*, onde estão presentes membros das várias Tertúlias Móveis e os Tertulianos levam vestidas as camisolas que identificam a Tertúlia a que pertencem. Durante a cerimónia religiosa, são oferecidos pelas Tertúlias ramos de flores a Nossa Senhora da Salvação. Os ramos são colocados junto à imagem que se encontra no andor próximo ao Altar, por um representante de cada Tertúlia.

2. PERPETUAR MEMÓRIAS E TRADIÇÕES

Por todas as componentes que a caracterizam, não se pode considerar que os *Festejos em Honra de Nossa Senhora da Salvação* seja apenas uma festa religiosa. Na realidade é toda uma

manifestação cultural em si, isto até pela forma como também é designada pela comunidade – Festa de Agosto.

O culto e os festejos em Honra de Nossa Senhora da Salvação são parte importante da identidade dos habitantes deste concelho, atravessando diferentes gerações e dimensões sociais da comunidade. Esta prática cultural apresenta um complexo conjunto de elementos de festa religiosa (procissões, missas e todas as tradições associadas à Imagem de Nossa Senhora da Salvação e ao seu culto) e profana (Tauromaquia de cariz popular e Tertúlias Móveis e restante programa das festividades). Esta manifestação cultural tem um raio de atração considerável. Durante o mês de agosto, a população da vila aumenta, pois este é um período em que muitos arrudenses que trabalham e vivem fora de Arruda dos Vinhos, em Portugal ou no estrangeiro, regressam de férias, mobilizando milhares de pessoas para o contexto festivo. A Festa também atrai muitos visitantes, sobretudo dos concelhos

vizinhos. Nos dias de largadas de touros, para além de Tertulianos e seus convidados, as ruas da vila enchem-se de aficionados que procuram desafiar os touros dentro das tronqueiras ou os que vêm simplesmente ver e apreciar a bravura dos corajosos.

As crenças em Nossa Senhora da Salvação e as práticas tradicionais associadas (as que já se praticam desde os primórdios até às novas práticas que têm vindo a ser introduzidas ao longo dos tempos – religiosa e profana), são parte fundamental do património cultural da comunidade arrudense, continuando assim a ser transmitida de geração em geração.

Incluir os Festejos em Honra de Nossa Senhora da Salvação no Inventário do Património Imaterial (MatrizPCI) representará uma das mais importantes medidas de salvaguarda desta tradição popular. Esta inventariação vem reforçar as medidas de salvaguarda promovidas pela Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, em especial no que diz respeito às tradições tauromáquicas de cariz popular associadas (a declaração dos *Festejos Taurinos que têm lugar no Concelho de Arruda dos Vinhos como parte integrante do património cultural imaterial dos cidadãos arrudenses* - 2012); declaração das *Tertúlias Móveis e os Festejos Taurinos integrados nos Festejos de Nossa Senhora da Salvação, que têm lugar no Concelho de Arruda dos Vinhos, como parte integrante do património cultural e imaterial dos cidadãos arrudenses* – 2017; e a *Institucionalização do dia 14 de agosto como dia das Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos* - 2018).

Assim, os *Seculares Festejos em Honra de Nossa Senhora da Salvação* são uma manifestação cultural importante para o desenvolvimento sustentável da comunidade concelhia e em par-



» Largadas pelas ruas da vila com animação e participação das Tertúlias Móveis, 2019 - Arquivo CMAV

ticular da vila de Arruda (local onde é praticada). A Festa de Agosto e todas as componentes que a compõem, promovem o espírito comunitário, reforçam a identidade cultural da comunidade e ao mesmo tempo, são um fator fundamental na estratégia de promoção turística do município.

BIBLIOGRAFIA

- CÂMARA, Paulo; FERREIRA, Paula (2006) – Nossa Senhora da Salvação “A magia da Festa”. Edição Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos. Arruda dos Vinhos. 55 p.
- CUNHA, Jorge (1997) – A Festa de Nossa Senhora da Salvação. Associação para a Recuperação do Património de Arruda (A.R.P.A.). Arruda dos Vinhos. 72 p.
- FERREIRA, Paula; CÂMARA, Paulo (1999) – Arruda, Uma Viagem no Tempo, Arruda dos Vinhos, Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, 72 p.
- LOPES, Jorge Eduardo (2017) – Carta Arqueológica do Concelho de Arruda dos Vinhos, Arruda, Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos.
- LOPES, Jorge (2018) – Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos (Uma Breve Nota Histórica). Revista Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos - Coord. Jorge Lopes e Catarina Bexiga. Arruda dos Vinhos. pp 8-9.
- LOPES, Jorge (2019) – Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico dos Trabalhos de Conservação e Restauro do Chafariz de Arruda dos Vinhos, Câmara Municipal Arruda dos Vinhos, agosto 2019, Relatório entregue à DGPC (Relatório Policopiado).
- LOPES, Jorge (2019a) – Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos - caracterização de uma tradição identitária. Revista Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos - Coord. Jorge Lopes e Catarina Bexiga. Arruda dos Vinhos. pp 9-16.
- HERCULANO, A. (1846-1853) – História de Portugal: 1.ª época, desde a origem da monarquia até D. Afonso III.
- MACHADO, Ana Raquel Machado. Serrão, Vítor (prefácio) (2017) – O Património Artístico da Igreja Matriz de Arruda dos Vinhos. Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos.
- REUTER, A. E. (1938) – Chancelarias Medievais Portuguesas - Documentos da Chancelaria de D. Afonso Henriques. Vol. I. Coimbra: Instituto Alemão da Universidade de Coimbra. pp. 339-340
- ROGЕIRO, Filipe Soares (1997) – Arruda dos Vinhos, das origens à restauração do Concelho em 1898. Arruda Editora. Arruda dos Vinhos.
- VARGAS, José Manuel (2017) – A Comenda da Arruda da Ordem de Santiago in Arruda dos Vinhos uma comunidade concelhia, memória e futuro – Transcrição do foral Manuelino de 15 de janeiro de 1517, Coord. Fernando Amorim, Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos. Arruda dos Vinhos, p. 34.

PROCESSO DE INVENTARIAÇÃO A PATRIMÓNIO IMATERIAL

“FESTAS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DA SALVAÇÃO”

Paula Ferreira Sousa, Técnica Superior (História) da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos e responsável pelo processo de inventariação

“A Festa de Agosto ou as festas em Honra de Nossa da Salvação, constituem um marco no quotidiano dos Arrudenses. É um momento de reencontros que anualmente se repetem, representando o início e o fim de um ciclo.”

Diz a tradição oral que por ocasião da estadia de D. Manuel I em Arruda, para fugir a um surto de peste que tinha assolado Lisboa, em agradecimento à Virgem por se ter salvo e à sua família, mandou mudar a evocação de Santa Maria de Arruda para Nossa Sra. da Salvação, que se fizessem obras na Igreja e que se fizesse procissão em honra de Nossa Sra., a todos os 15 de agosto. Tradição essa que ainda hoje se mantêm.

Não podendo situar em concreto no tempo este episódio, julga-se que a génese da festa em Honra de Nossa Senhora da Salvação, terá aqui o seu início.

“A Festa de Agosto” – como popularmente é referida e conhecida, desempenha efetivamente um papel fundamental na vida do Concelho, sobretudo na Vila de Arruda. Ao analisarmos um pouco a evolução da Festa, percebem-se as repercussões que a mesma tem tido ao nível social e cultural na comunidade.

A religiosidade é o factor mais relevante no percurso histórico destes festejos, não obstante as atividades terem vindo a evoluir noutros sentidos mais profanos, o dia 15 de Agosto mantém o simbolismo e o peso do “dia mais importante” da Festa, traduzido na Procissão com a imagem de nossa Senhora da Salvação, onde se podem observar as diferentes gerações de Homens que transportam o andor.

Nas duas ultimas décadas uma outra componente relacionada com a tauromaquia, mais concretamente as Largadas de Touros, ganhou grande preponderância na Festa: as “Tertúlias Móveis”. Este “fenómeno” contribuiu para a recuperação da participação dos mais jovens, mas rapidamente se traduziu numa manifestação intergeracional, agregando os diferentes grupos sociológicos da comunidade. Com efeito, a composição de cada uma das tertúlias traduz ou explana os diferentes grupos da sociedade, onde cada elemento procura integrar-se no grupo com que mais se identifica. As Tertúlias assumem-se desta forma como veículos de transmissão de rituais e de tradições.

A Festa de Agosto ou as festas em Honra de Nossa da Salvação, constituem um marco no quotidiano dos Arrudenses. É um momento de reencontros que anualmente se repetem, representando o início e o fim de um ciclo.

Perspetivando a preservação, valorização e a transmissão dos valores e das tradições decorrentes desta manifestação religiosa / cultural, o Município de Arruda dos Vinhos irá submeter à Direção Geral do Património Cultural (DGPC) a Inventariação a Património Imaterial as Festas em Honra de Nossa Senhora da Salvação.



» Procissão de 15 de agosto, 2019 - Arquivo CMAV

A intenção de Inventariar as “Tertúlias Móveis” a património Imaterial, revelou-se redutora face à dimensão e complexidade de todo o simbolismo que as Festas representam no seu todo e na importância que assumem na história da comunidade e do concelho.

O processo de inventariação irá contar com o contributo de todos que de forma direta ou indireta são agentes ativos e que têm contribuído para que todos os rituais e tradições se mantenham e evoluam de geração para geração!



» Procissão de 15 de agosto, 1955 - Arquivo Paroquial



» Procissão de 15 de agosto, 1959 - Arquivo Paroquial

FESTA ANUAL DE NOSSA SENHORA DA SALVAÇÃO

TERTÚLIAS MÓVEIS, O CONVÍVIO EM TEMPO DE TRANSGRESSÃO

Jorge da Cunha

A festa define-se pela efervescência, a explosão intermitente, o frenesim exaltante, o sopro poderoso de efervescência comum, a concentração da sociedade, a febre dos instantes culminantes. (Sanchis, 1983, p. 31)

Este texto revisita um tema já anteriormente abordado por nós (Cunha, 1997). Pretende, por um lado, aprofundar alguns aspetos; por outro, olhá-lo a partir de um ângulo diferente. Será, pois, um olhar mais centrado no convívio em tempo de transgressão, construído à volta de um interesse comum: a atividade tauromáquica mais informal, as largadas de toiros (ou pamlonas, como alguns ainda lhe chamam). Este convívio vai muito além do interesse pelo touro que, muitas vezes, se perde no esquecimento para apenas ficar aquilo que mais interessa: o convívio levado até aos confins do cansaço. Falamos das Tertúlias Móveis, *instituição* que só existe na vila estremenha de Arruda dos Vinhos. Estes centros de convívio, autênticos *eixos cósmicos* da secular festa em honra de Nossa Senhora da Salvação, constituem-se como momentos que marcam de forma indelével toda a festa. Partindo de uma breve análise bibliográfica, do conhecimento de anos de observação no terreno, de conversas informais e tendo como pano de fundo a Festa de

Nossa Senhora da Salvação, pretendemos demonstrar que as Tertúlias Móveis sempre foram (desde a sua fundação) e continuam a ser hoje uma *instituição* insubstituível desta festa anual, promovendo relações profundas e sonhos que se tornam ação, porque assim é a Festa, "(...) um sonho vivido cujos fantasmas são gestos, e cada um dos elementos que a compõem considerados como fragmento em ação" (Sanchis, 1983, p. 139).

A festa anual de Arruda dos Vinhos tem como dia central o 15 de agosto, como aliás acontece por todo o país: "A época das festas situa-se de 10 de agosto a 10 de setembro (...) e centenas de romarias decorrem a 15 de agosto, momento preciso do centro do ano agrário. As mais importantes duram vários dias (...)" (Espírito Santo, 1990, p. 138), como acontece em Arruda dos Vinhos, cujo calendário tradicional aponta para entre 06 e 18 de agosto, sendo que os momentos mais fortes acontecem entre 14 e 16 de agosto (Cunha, 1997). O dia 15 é, também tradicionalmente, exclusivamente dedicado à Santa Padroeira, Nossa Senhora da Salvação, enquanto símbolo integrador que dá identidade não só à festa, mas a todo o concelho e principalmente à

vila: "O santo padroeiro é um símbolo: um nome, uma imagem e uma lenda, graças aos quais a aldeia se atribui uma identidade" (Espírito Santo, 1990, p. 69). Ora, a padroeira desta festa está munida de tudo o que é necessário para ser um símbolo de identidade desta comunidade: nome (Nossa Senhora da Salvação); imagem (colocada no altar da igreja matriz, saindo à rua apenas no seu dia, o 15 de agosto); lenda (várias, umas ligadas à origem da imagem, anteriormente com outros nomes; outras associadas à putativa permanência de D. Manuel I, nestas terras, aquando da peste negra, tendo-lhe dado o nome atual). Esta identidade que é integradora, mais ainda durante a festa, permite que se formem grupos de convívio, uns mais formais outros menos, que através da transgressão, muitas vezes em excesso, como convém, vão regenerando as relações na comunidade. Assim é a festa: "(...) uma cerimónia regeneradora" (Espírito Santo, 1990, p. 70) do mundo, como aliás já nos tinha referido Caillois (1950).

Ora, nunca será demais insistir que o ser humano, enquanto ser comunitário, necessita tanto do convívio como do alimento para sobreviver, encontrando na festa anual (mas também noutras



» Animação de rua junto às Tertúlias Móveis, 2019 - Arquivo CMAV



» Tertúlia "Eh Toiro", 2017 - Arquivo CMAV

manifestações culturais coletivas fortes) o tempo e o espaço privilegiados para mediatizar essa transgressão e a afetividade (Callois, s/d), aqui permitidas numa escala inimaginável no tempo comum. Ao observarmos, com alguma atenção e intenção de análise, o mundo dos últimos 100 anos, deparamo-nos com variadíssimas adversidades, algumas puseram (e ainda põem) em causa a própria sobrevivência da espécie humana. No plano das relações ou, se quisermos, da afetividade, a crise parece não ser menor: “Sabe-se o que se passa na ordem económica e social e, mais geralmente, no domínio das relações humanas: nada a acrescentar, tudo a reconstruir. Mas, no círculo mais restrito das coisas do espírito, a crise não é menos profunda” (Callois, s/d, p. 131). Então, resta-nos pensar que talvez uma das razões desta crise das coisas do espírito tenha origem na perda de significado ou identidade ou na banalização dos momentos de convívio intenso comunitário, mágico e religioso, momentos de encenação e prazer estético (Malinowski, 1988), mas também de fortalecimento das relações, da afetividade, das coisas do espírito. Contudo, esta transgressão intensa para a promoção das relações só se consegue em momentos, como

lhe chamou Durkheim (1958), de efervescência coletiva. Estes momentos para a reconstrução do mundo coletivo só são possíveis na festa anual, integrando, reinventando, valorizando tudo o que acrescente, preserve ou valorize a identidade: “E se desaparecem algumas particularidades, criam-se outras e estabelece-se nova diversificação” (Sanchis, 1983, p. 16), pois é essa a função da Festa: viver intensamente, transgredir, furar a moral estabelecida para que a identidade não se dissipe, para que as relações continuem a desempenhar a sua função no equilíbrio psíquico do ser humano. Como já deu para perceber, “A festa anual (...) é um fenómeno social e mágico-religioso muito complexo (Malinowski, 1988, p. 184) que deve ser analisado com cuidado antes de se fazerem considerações ou tomarem decisões que a ponham em causa ou que ponham em causa a ordem estabelecida. Querer analisar a festa anual apenas através de um olhar global das suas manifestações (sem olhar para estas manifestações uma a uma por dentro, sem perceber as razões de se terem transformado ou ressurgido ou de permanecerem ainda hoje vivas) é não saber nada; olhar estas manifestações vivas apenas com um olhar externo, com interesses externos



» Almoço das Tertúlias, 2017 - Catarina Bexiga



» Vista geral da largada de touros com as Tertúlias Móveis - Arquivo CMAV

(sem ter em conta a teia de relações que ali se vai estabelecendo, construindo e reconstruindo, isto é, os seus interesses mais profundos) é não perceber a sua importância para o outro tempo mais enfadonho, mas também essencial, o tempo do quotidiano, das regras, das interdições que regem o dia-a-dia do indivíduo, mas também da comunidade em que está inserido, porque um e outra estão ligados por um fio que leva à construção de uma mesma tela, tudo tem uma causa e um fim (Callois, s/d). O indivíduo e a sua comunidade seguem, pois, um mesmo destino: "Para que o homem ligue o seu destino ao da sociedade, basta que se aperceba com evidência de que as mesmas forças que profundamente regem a sua vida profunda têm igualmente influência na esfera social, ampliadas e sempre imperativas" (Callois, s/d, p. 101), mas é na transgressão da festa que estes valores ganham importância e força, porque ela apodera-se de tudo e de todos: "A festa apodera-se de qualquer espaço (...) a rua, os pátios, as praças, tudo serve para este encontro de homens fora das condições habituais" (Duvignaud, citado por Sanchis, 1983, p. 142).

A análise da festa, enquanto objeto de estudo como facto social inserido num todo social (Durkheim, 1958/1912), mais tarde com uma dimensão total (Mauss, 1988/1925), parece poder ser, primeiramente, atribuída a Durkheim. É a ele que também se deve a definição das categorias abstratas de Sagrado e Profano, parte integrante de vários dramas sociais, também da festa, sendo que, pensamos, todo o tempo da festa é Sagrado: algumas manifestações são religiosas (fracas ou fortes); outras são não religiosas (fracas ou fortes, mas todas imbuídas de excessos e paroxismos (posição já defendida em Cunha, 1997):

(...) o tempo profano do trabalho e das interdições é alterado com o tempo das festas. Se no primeiro, a ordem social é mantida nos seus limites estáveis; no segundo, há a procura de retemperar a ordem do mundo através da suspensão dos interditos, da ultrapassagem do modo normal de vida, da desordem coletiva e da transgressão. (Cunha, 1997, pp. 60, 61)



» Largada de touros, 2005 - Arquivo CMAV

A festa é por excelência transgressão, uma transgressão que pretende alcançar a ordem do tempo ordinário, mas, para isso, como refere Caillois (1950), é preciso que haja diversão até que o cansaço vença, porque o excesso é a lei da festa, há uma espécie de necessidade coletiva inconsciente de desafiar a moral comum (Durkheim, 1958/1912) para a poder renovar ou fortalecer as relações sociais e dar fundamento a uma certa cultura antropológica, alicerce da vida em comunidade.

Ora, a festa, como um todo social, integrada numa comunidade nunca foi nem nunca será "(...) um mero ajuntamento de crentes, exclusivamente dedicados a atividades formalmente religiosas" (Sanchis, 1983, p. 139). Embora as lides religiosas tenham um peso importante durante todo o período festivo, uma vez que são "(...) organizadas em torno da memória de um santo representado por uma relíquia ou uma imagem" (Sanchis, 1983, p. 39). Estas atividades religiosas têm o seu centro normalmente no adro e na igreja ou capela, onde permanece essa tal imagem ou relíquia que dá identidade à festa e à comunidade. Mas engane-se quem pensa que durante a festa existe apenas um centro: "O centro é definido por uma cruz, um pelourinho, uma árvore, uma fonte, uma igreja ou por tudo isto ao mesmo tempo. Estes objetos erigidos no centro simbolizam a tomada de posse do espaço" (Espírito Santo, 1990, p. 28). Na festa em análise (Nossa Senhora da Salvação, Arruda dos Vinhos), nos principais dias festivos, identificamos três tradicionais centros fortes: 1) O adro e igreja matriz (eixo cósmico das atividades religiosas); 2) o chafariz pombalino, largo da câmara e rua principal (eixo cósmico das atividades ligadas à tauromaquia de rua: largadas de toiros e tertúlias móveis); 3) o jardim municipal e praça de touros (eixo cósmico ligado a outras atividades, nomea-

damente de música e artesanato, e também à tauromaquia mais formal: as touradas). Nestes centros, têm início e vivem-se as mais significativas manifestações que em conjunto formam a festa "(...) como acontecimento total que se constitui em rutura do quotidiano, irrupção de um outro Universo" (Sanchis, 1983, p. 139). Uma dessas manifestações são as Tertúlias Móveis de Arruda dos Vinhos, manifestação única no país, embora sirva os mesmos objetivos que qualquer outra tertúlia de qualquer que seja a área.

Uma das atividades não religiosa da festa em análise, esperada com entusiasmo, é a largada de toiros que acontece em vários dias e, cada uma, durante várias horas. O centro desta atividade é o largo do chafariz e toda a rua principal. É precisamente aqui que estão expostas as tertúlias móveis de Arruda dos Vinhos.

A primeira largada de toiros acontece no dia 14 de agosto, Dia Municipal das Tertúlias Móveis:

(...) é o primeiro momento do tempo não religioso forte (...) é o momento mais esperado desde o início das comemorações. As ruas ficam cheias de pessoas. É o primeiro momento dos excessos em que cada um se liberta e tenta ser mais corajoso que o outro. Aqui tudo é permitido, desde o abuso de linguagem, passando pelo tradicional banho no Chafariz Pombalino (...) (Cunha, 1997, p. 34).

A estrela da festa durante este tempo forte devia ser o touro e, aparentemente, para quem assiste das bancadas, das janelas das suas casas e das trincheiras, poderá ser, mas para quem vive este momento dentro da tertúlia móvel (sede do grupo), isto é, dentro do autocarro transformado, equipado e decorado, o touro deu o mote, mas passa para segundo

plano. O que verdadeiramente interessa é a teia de afazeres e relações que ali acontecem. Ora, cada autocarro devidamente adaptado constitui uma tertúlia formalmente constituída e visivelmente identificada: Aí comem, bebem, conversam e se divertem os tertuliano (Cunha, 1997). Aí fazem planos, discordam e chegam a consensos. Cada tertúlia é uma aldeia que se desloca como se seguisse o movimento da renovação social, reafirmando-se de forma lúdica como espaços relacionais. Cada uma criou a sua individualidade e identidade e todas pretendem: 1) dar o seu contributo para a identidade global da festa anual; 2) ser o símbolo identitário da festa brava de rua no concelho e na região 3) contribuir para que em conjunto continuem a ser uma instituição única na região e no país; 4) que o cansaço seja o ingrediente principal da renovação; 5) que todos os anos sejam espaços atualizados de amizade, convívio e transgressão, cuja finalidade vai muito além da *afición* que as motiva.

Mas não se pense que as rivalidades, o intuito de ser o melhor ou pertencer a um determinado

grupo e os jogos de poder estão ausentes destes espaços. Até nisto a sua organização se assemelha à casa de cada um e à própria comunidade. É certo que “Os conflitos políticos ou económicos, que em tempo normal provocam divisões, são postos em suspenso (...) tal como não se distinguem *os de cá dos de fora*” (Espírito Santo, 1990, p. 70), mas há tertúlias que já se atribuíram determinado estatuto (com eficácia simbólica perante determinados grupos): ou porque são os mais antigos, ou porque ocupam um lugar privilegiado no recinto, ou porque estão mais bem equipados, ou porque são protagonistas de atividades diferentes, paralelas às atividades principais, que vão gerando algum desconforto também próprio da dinâmica social e muito mais em tempo de festa. Contudo, faz parte da génese das tertúlias os valores de solidariedade, partilha, respeito (o possível em tempo de transgressão) e amizade; mas também se proporcionam ali encontros geracionais: homens e mulheres mais velhos passam os conhecimentos e os modos de fazer e ser tertuliano aos mais novos. E não importa de onde vêm: ser tertuliano não tem fronteiras,



» Largada de touros, 14 de agosto de 2019 – Arquivo CMAV

basta trazer a vontade de se divertir e o gosto pelo convívio, sempre com a festa no coração e a ligação à cultura tauromáquica na alma. O touro é o mote, como já vimos atrás, mas tudo acontece para além dele. É o símbolo, a identidade já estabelecida e tida como garantida, o elo que os liga à festa e a cada uma das tertúlias. Depois, há toda uma dinâmica que, por um lado, é idêntica a todos os grupos e, por outro, os distingue e lhes confere individualidade. E é precisamente o que está para lá da festa brava que atrai tanta gente sem ligação à tauromaquia, mas faz parte e vive intensamente toda a dinâmica tertuliana. Foi desta forma que as tertúlias móveis, fenómeno único, se impuseram num espaço simbólico já existente, o espaço das brincadeiras populares de rua com touros, já referenciado em documentos que remontam ao século XV (Vargas, 2017), mas que terá surgido muito antes na cultura lusitana e na história do Homem. Foi-lhe dada outra organização, outro estatuto, talvez outro significado, mas nunca desvalorizando o anterior. Repare-se: antes o touro era doado, corria pelas ruas de forma mais ou menos controlada, era apanhado, morto e a sua carne distribuída pela população; agora: o touro é doado durante o evento, corre pelas ruas de forma muito controlada, não é apanhado, nem flagelado, nem morto, nem se distribui a sua carne, mas nas tertúlias preparam-se os alimentos que são distribuído pelos associados e convidados, e aqui acontece a aproximação com a tradição: é esta partilha que aproxima as largadas de hoje com as brincadeiras simbólicas com profundo significado comunitário de outros tempos. As consequências psicossociais seriam terríveis se a realidade não fosse temperada com estes jogos simbólicos. Percebe-se, pois, por que razão é sempre questionável apontar datas para o surgimento das tradições.

Alguns apontam os finais dos anos 70 como data do aparecimento da primeira tertúlia móvel em Arruda dos Vinhos. E estão certos. Até se sabe que se chamava "Tertúlia Ambulante", que foi fundada pelo Santos, Pereira e Seabra; depois desta, já surgiu mais uma dezena. No entanto, o que lhes dá particularidade, o que as torna únicas, não são estes pormenores factuais, o passado é importante apenas para enriquecer a memória: "A história factual tem pouco valor (...) é a memória coletiva e o consenso simbólicos que importa" (Espírito Santo, 1990, p. 53), isto é, o acumular de recordações sem tempo; o que as torna únicas é que, ao contrário de todas as outras tertúlias, movem-se: deslocam-se do centro da sua atividade para locais periféricos, enquanto por ali decorrem outras atividades da Festa. Ora, para lá da data do surgimento das tertúlias móveis em Arruda dos Vinhos há tradição sem factos, apenas alguns registos e narrativas que a memória vai contando, narrativas carregadas de fantasias tão importantes para o equilíbrio psicológico do ser humano e para as relações que estabelece nos grupos e comunidade a que pertence. O que seria a realidade do ser humano se não estivesse carregada de fantasias, de jogos simbólicos, de crenças e rituais? A história das tertúlias, a história da festa brava e, muito mais fundo ainda, a história simbólica do touro está carimbada na *práxis* do ser humano, na sua maneira de ser, na sua cultura. É esta *práxis* carregada de jogos simbólicos que dá sentido às narrativas evocadas (Thines & Lempereur, 1984).

Ao longo da investigação sobre o tema em análise com vista à elaboração deste texto, colocámos a alguns tertulianos e outros entendidos em matéria de festa brava a seguinte questão: Por que razão surgiu em Arruda dos Vinhos a versão móvel das tertúlias e não a fixa

como em outros locais do país? As respostas que surgiram apresentam-se muito gerais e, pensamos, não vão à raiz do problema: facilidade de deslocação; contacto mais direto com o toiro e população; risco e emoção, etc. Deixamos aqui uma outra hipótese que talvez merecesse ser aprofundada num outro trabalho: As tertúlias surgiram em Arruda dos Vinhos na versão móvel devido 1) *à configuração do recinto* (apenas quem tinha residência naquela rua e convidados podia assistir das varandas ou janelas ao que acontecia ao longo da rua, ou quem se aventurava para dentro do recinto; 2) *a não haver espaços disponíveis no recinto (é uma rua muito dedicada ao comércio) para, durante a festa, serem transformados em sede* (há duas tertúlias fixas, formadas pelos próprios proprietários das habitações, que prescindiram da versão móvel). Ora, estas questões de espaço associadas a razões mais gerais que se prendem então com o a participação mais ativa e direta, risco, emoção fizeram surgir as tertúlias móveis em Arruda dos Vinhos, tornando este momento forte da festa anual mais democrático e participativo, fazendo lembrar, como já aflorámos em cima,

a dinâmica de uma aldeia: para além do facto de cada tertúlia móvel se identificar como uma família, se tivermos em conta "(...) o número reduzido de participantes, o espírito de amizade e entreajuda, uma certa autonomia administrativa e económica, a identidade sociocultural, o orgulho na sua história, a elevada hospitalidade, o reencontro de pessoas, etc." (Bexiga, 2020), então, de facto estamos na presença de autênticas aldeias.

As tertúlias móveis são espaços com uma função semelhante a qualquer outra tertúlia, só que estas têm a particularidade de se moverem, têm alma cigana, como lhes chamou por brincadeira um tertuliano. Na itinerância, são semelhantes a um acampamento; no resto, são como as outras tertúlias tauromáquicas, literárias, desportivas, ou mesmo as de Paris, cidade da sua origem. Seja qual for o tema que lhes deu origem, a sua função é igual em todas: conviver, estabelecer relações, debater assuntos, enriquecer a memória pessoal, de grupo e institucional. Há em todas o mesmo sentido de pertença, de comunidade que lhes



» Tertúlia Kanecús, 2017 - Arquivo CMAV

confere significado. O local, seja móvel ou fixo, é um espaço que dá identidade ao grupo, permite estabelecer relações e cuida do seu espólio material e imaterial, sendo por isso um lugar no sentido antropológico do termo: "Se um lugar pode definir-se como identitário, relacional e histórico, um espaço que não possa definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar" (Augé, 1994, p. 83). No caso das tertúlias em análise, há o tal elo da festa brava que as liga umas às outras, mas também às tertúlias fixas, formando espaços relacionais (no grupo, entre os vários grupos e com grupos de outra tipologia simultaneamente), espaços com sentido, lugares antropológicos.

Pouco importa a origem das tertúlias fixas ou móveis, pouco importa até a origem da festa brava popular em Arruda dos Vinhos ou em qualquer outro lugar, as tradições não têm data certa para iniciar, começam por uma necessidade simbólica ou quotidiana ou simbólico-quotidiana e terminam quando deixam de fazer sentido, quando a sua eficácia simbólica se tiver perdido, então surgem outras ou simplesmente se transformam, a não ser que haja outros interesses que as sustentem. Foi precisamente o que aconteceu com as largadas de toiros e as tertúlias em Arruda dos Vinhos: foram sofrendo transformações, foram arranjando formas de fugir à ceifa da modernidade, utilizando o passado, mas excedendo-se no presente: "Presença do passado no presente que o excede e reivindica: é nesta conciliação que Jean Starobinski vê a essência da modernidade (Augé, 1994, p. 81). Há pois um presente que é sempre atualizado e um passado a que não se foge, nem se poderia fugir, pois a simbologia ligada à festa em geral e ao touro em particular está enraizada nas nossas estruturas psíquicas mais profundas com manifestações

culturais e individuais evidentes, fazendo, assim, parte de nós, das nossas ações, decisões, da nossa forma de olhar o mundo. Ora, o touro, quer queiramos ou não, é símbolo de poder e força; enfrentá-lo é transferir esse poder e essa força para dentro de nós:

O touro evoca a ideia de força e ímpeto irresistíveis. Evoca o macho impetuoso, e também o terrível Minotauro, guardião do labirinto (...) símbolo da força criadora (...) Na tradição grega, os touros indomáveis simbolizavam o desencadeamento desenfreado da violência. São animais consagrados a Posídon, deus dos oceanos e das tempestades; a Dionísio, deus da virilidade fecunda. (Chevalier & Gheerbrant, 1982, p. 650)

Daí a associação simbólica que é estabelecida, ainda na modernidade, entre o touro, a força e a virilidade: o homem entra no recinto das largadas de touros e, desprotegido (ou é malvisto), desafia o touro, ou a si próprio ou às forças cósmicas. Foi em forma de touro que Zeus seduziu a jovem Europa e a desposou de forma viril e fecunda. Mesmo do ponto de vista psicanalítico, o touro simboliza a força que permite vencer as paixões primitivas e alcançar a paz (Jung, 1964).

É envolto em toda estas simbólicas, em todos estes jogos simbólicos com consequências na realidade que vão ressitando a ação do ser humano em relação ao seu sonho, que a festa, as largadas de toiros e as tertúlias móveis em Arruda dos Vinhos se vão instalando no mundo e na comunidade. Assim é a festa. Afinal, "(...) o mundo da festa, em Portugal, está vivo" (Sanshis, 1983, p. 17) e, embora diferente, vai continuando a desempenhar a mesma função na comunidade.

REFERÊNCIAS

- Augé, M. (1994). Não-lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: Bertrand Editores.
- Bexiga, C. (2020). Email rececionado no dia 15 de junho.
- Callois, R. (s/d). O mito e o homem. Lisboa: Ed. 70.
- Callois, R. (1950). L'Homme et le Sacré. Paris: Gallimard.
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1982). Dicionário de símbolos. Lisboa: Editorial Teorema.
- Cunha, J. (1997). A festa de Nossa Senhora da Salvação. Arruda dos Vinhos: ARPA.
- Durkheim, E. (1968). Les Formes Élementaires de la Vie Religieuse. Paris: P.U.F.
- Espírito Santo, M. (1990). A Religião Popular Portuguesa. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Jung, C. (Org.) (2008). O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Malinowski, B. (1988). Magia, ciência e religião. Lisboa: Ed. 70.
- Mauss, M. (1988). Ensaio sobre a dádiva. Lisboa: Ed. 70.
- Sanchis, P. (1983). Arraial Festa de um Povo. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Vargas, J. M. (2017). A comenda de Arruda dos Vinhos da ordem de Santiago. Em Arruda dos Vinhos (1517) – Uma comunidade concelhia, memória e futuro – Transição do foral manuelino de 15 de janeiro de 1517. Arruda dos Vinhos: CMAV.

PRAÇA DE TOIROS DE ARRUDA DOS VINHOS

NOS 60 ANOS DA SUA REINAUGURAÇÃO (1961 - 2021)

Catarina Bexiga

(Adaptação do artigo publicado na Revista Novo Burladero n.º 381, agosto 2021)

"(...) a verdade é que a secular Festa em honra de N.ª Sr.ª da Salvação é o ponto alto desta vila estremenha que, talvez devido à sua proximidade com Vila Franca de Xira, tantas características ribatejanas encerra nos seus costumes e tradições. A par da componente religiosa, com a procissão de 15 de Agosto, a Festa dos Toiros ocupa uma parte significativa das manifestações culturais."

Emoldurada por vinhedos e erguida no cimo da vila, encontra-se a praça de toiros de Arruda dos Vinhos, cuja história retrata a *afición* das gentes da terra, o cuidado que com ela têm tido, e revela a afirmação da identidade cultural dos arrudenses. Antes desta, houve outra praça, construída em madeira, mas os sinais da sua vida diluíram-se no tempo. Apenas uma única foto testemunha a sua existência. A actual praça foi inaugurada no ano de 1925 e a sua construção foi impulsionada pela União Tauromáquica Arrudense, sociedade anónima registada a 10 de Outubro de 1922, no Cartório Notarial de Arruda dos Vinhos. A União Tauromáquica Arrudense teve como fundadores: José Vaz Monteiro, Armando Munhóz Bastos da Fonseca, Joaquim José de Azevedo e Silva, Armando Augusto de Azevedo e Silva, António Alexandre Luiz Louro, Augusto da Silva Nunes Guedes, Salvador Alexandre Leal, Feliciano Augusto de Mendonça, Augusto Vaz Monteiro, Tito de Bourbon e Noronha, António Bernardo



» Antiga Praça de Touros, construída em madeira

de Miranda, Diniz Martins Coelho Lobo, Joaquim Soares e Inácio do Nascimento (representante da Câmara Municipal). Nos estatutos da União Tauromáquica Arrudense, pode-se ler: “Os fins são manter uma praça de touros em terreno para esse fim, cedido pela Câmara Municipal, no campo da feira. Prover o seu acabamento e a sua conservação e explorando-a quer directamente, quer por cedência a outra entidade, constando que se salvguarde a realização anual de duas corridas tauromáquicas por ocasião da feira anual de Junho e uma por ocasião da festa de Agosto, quando nesta vila se realizarem” (...) “A sociedade deverá por tempo indeterminado e enquanto puder, manter a praça em estado de servir à realização de corridas tauromáquicas.” (...) “O capital social é de treze mil e oitocentos escudos, constituído por acções de dez escudos cada uma, podendo haver títulos de uma, cinco, dez, vinte, cinquenta e cem acções. O capital poderá ser ampliado se se reconhecer insuficiente para o acabamento da praça de touros” (...) “Haverá uma direcção e um conselho fiscal, aquela de cinco membros e este de três membros, eleitos de entre os sócios e servindo por três anos.”

A REINAUGURAÇÃO DA PRAÇA DE TOIROS

Entretanto, com o passar dos anos, a praça começou a apresentar algum desgaste, tendo a Câmara Municipal, como proprietária, assumido as obras do tauródromo, no início da década de 60. José Marques Simões foi o edil que lhe deu nova vida. No curto período em que foi Presidente (função que teve que abandonar por motivo de doença), conseguiu fazer vários melhoramentos nas infraestruturas das suas Freguesia. À praça foi dado – e muito justamente – o seu nome. Então com capacidade para 2790 espectadores, a reinauguração aconteceu na tarde de 24 de Setembro de 1961 – a favor das vítimas do terrorismo em Angola – tendo à mesma presidido o Dr. Osório Vaz, Governador Civil de Lisboa. Lidaram-se sete touros de Júlio Borba e dois de Santos Jorge, e actuaram os cavaleiros João Branco Núncio, D. Francisco de Mascarenhas, David Ribeiro Telles e os amadores José Samuel Lupi, José Barahona Núncio e José Maria Cunha e Carmo; e os novilheiros Marcelo Acosta, mexicano, Eduardo Abularach, guatemalteco, e o vila-franquense Joaquim Barroca. Nas pegas esteve o Grupo de Forcados Amadores de Santarém, comandado por Ricardo Rhodes Sérgio. Curiosamente, esta foi a única actuação de João Branco Núncio na praça de touros de Arruda dos Vinhos e também o único touro de Júlio Borba que lidou ao longo da sua carreira. Segundo a “Vida Ribatejana” da época: “Praça à cunha! (...) Foi uma boa tarde de touros, na nova praça de touros de Arruda dos Vinhos. (...) A praça é a terceira na vila no espaço de quarenta anos, aproximadamente.” O crítico Pepe Luiz escreveu ainda sobre a tarde da reinauguração... “Boa apresentação tinham os touros do vila-franquense Júlio Borba e os dois de Santos Jorge, cumprindo muito



» Cartel da corrida que reinaugurou a praça de toiros de Arruda dos Vinhos, a 24 de setembro de 1961, com a presença ilustre de Mestre João Núncio, naquela que foi a sua única atuação na arena arrudense

bem na maioria. Todos os artistas brindaram ao sr. governador civil de Lisboa. Os primeiros “capotazos” daquele histórico festejo foram dados por António Correia na conformidade dos preceitos da autêntica arte de bregar. João Núncio, que nunca toureara em Arruda, lidou por tiras, alternando com António Cipriano, que pareceu por duas vezes, na reprodução do que se fazia em velho tempo que alcançámos ainda. D. Francisco de Mascarenhas, no 2.º, teve aplaudidos ferros de poder a poder. Palheta possuía o 3.º que acossou, por vezes, o cavalo de David Telles, que se houve com valentia, fechando com bons curtos. Manso era o 4.º, no qual Samuel Lupi se distinguiu em dois ferros de alto a baixo. José Barahona Núncio, ao princípio, não gozou de felicidade, mas depois resgatou-se. Cunha e Cramo, num baio, interessou-se em dois curtos, dada a forma singular e aplaudida como acertou no alvo. Não foi feliz em certo lance provocado pelo impetuoso touro que lhe saiu. Estivemos diante duma cena com certa emoção e que poderia resultar fatal, caso algo semelhante ao que sucedeu aos três espadas que, em seu auxílio, surgiu o milagroso facto dos touros se encontrarem “afeitados”. Belíssima a rês de Borba que o mexicano Marcelo Acosta lanceou firme e passou de muleta, centrado, valoroso e com as suas centelhas de arte. Música e duas voltas. Barroca no 8.º, de Santos Jorge, capoteou por verónicas e chicuelinas, brindara a Leopoldo Nunes, expressou qualidades num touro enquerençado nas tábuas. Principiou pela pedrezina e concluiu dominando. Volta. Eduardo Abularach, da Guatemala, que nunca havia toureado no nosso país, pegou no 9.º, também de Rio Frio, três verónicas e meia, limpas; e com a muleta empregou vários parones. O touro colava-se pela direita e, por isso, Eduardo mudou para naturais executados com visível tranquilidade. Num momento de fatalidade – que



» Atual Praça de Touros José Marques Simões

alguns espectadores não compreenderam, especialmente quando os artistas expõem o físico sem o mínimo interesse material – o toureiro foi colhido, recolhendo à enfermaria. Terminou a faena Joaquim Barroca, que agradou, ao ponto de ser conduzido em ombros. Reis, Morgado, Aleixo, Moura, Melo, Rio Maior e Palha, pegadores de Santarém, deram voltas com os cavaleiros, tudo sintoma de satisfação.”

ARRUDA DOS VINHOS, DESDE SEMPRE AFICIONADA

Ainda que durante muitos anos as Festas de S. António, em Junho, fossem de grande importância em Arruda dos Vinhos, sempre com a inclusão de espectáculos taurinos; a verdade é que a secular Festa em honra de N.ª Sr.ª da Salvação é o ponto alto desta vila estremenha que, talvez devido à sua proximidade com Vila Franca de Xira, tantas características riba-

tejanas encerra nos seus costumes e tradições. A par da componente religiosa, com a procissão de 15 de Agosto, a Festa dos Toiros ocupa uma parte significativa das manifestações culturais.

Tradicionalmente, a praça de toiros José Marques Simões abre as suas portas nos dias 16 e 17 de Agosto. Segundo uma edição especial da “Vida Ribatejana” dos anos 60, dedicada a Arruda dos Vinhos... “No tauródromo arrudense têm-se exibido grandes figuras do toureio e sempre os aficionados as apreciam devidamente, não deixando de exteriorizar o seu agrado quando artistas de menor categoria ou simplesmente amadores, ali vão animar os espectáculos taurinos. Foi na praça de Arruda dos Vinhos – não se esqueceram mais os aficionados – que, há anos (1913 ou 1914, persiste a dúvida), se desenrolou a tragédia em que perdeu a vida o saudoso aficionado e forçado amador de grande categoria, o infortunado Laurentino Pereira. Ao fazer uma rija pega que muito entusiasmou

a assistência, uma bandarilha soltou-se do morrilho do toiro e cravou-se-lhe no pescoço, cortando-lhe a veia carótida! Foi um dia de luto para a *afición* portuguesa e para Arruda dos Vinhos. O triste caso deu-se por ocasião das festas de Agosto, que logo terminaram. Ninguém mais teve vontade de se divertir. Ainda hoje em Arruda se recorda com amargura o lutuoso acontecimento." Em termos de tragédias, desta vez na praça "nova", Arruda conta com mais uma vítima mortal. Foi na noite de 16 de Agosto de 2002, ao pegar o quinto toiro da corrida, do Eng.º Jorge de Carvalho, lidado por Luís Rouxinol, que o forcado Ricardo Silva "Pitó", dos Amadores de Vila Franca de Xira, veio a sofrer lesões irreversíveis, na sequência do embate contra a trincheira, de que veio a falecer, passado pouco tempo, no Hospital de Vila Franca de Xira. A corrida anunciada para o dia seguinte, segunda das Festas de N.ª Sr.ª da Salvação desse ano, foi cancelada.

AS EMPRESAS QUE PASSARAM PELA PRAÇA ARRUDENSE

Se bem que haja poucas referências às empresas que exploraram a praça antes das avultadas obras de reabilitação de que foi alvo em 1961, descobrimos que deram toiros em Arruda nomes como José Brilha de Matos, Vedo da Conceição Lopes Marques, José de Almeida, António Carvalho "Galinha" e a empresa Pena & Silva. A partir de 1961 e até finais da década de 70, surgem como empresários: José Vidal Guerra, Manuel Alemão, Pena & Silva, Alberto da Costa Moreira, Empresa Courage, Lda., Fernando Segarra, Alfredo Ovelha e Valério A. Salgueiro. Curiosamente, foi a empresa Courage, Lda. quem organizou, na noite de 17 de Agosto de 1978, uma novilhada picada com uteros

da Sociedade Agrícola de Santo Estêvão, para Fernando Pessoa, Juan António Esplá e António de Portugal.

A partir dos anos 80 e até ao final do século XX, pontificam os nomes de José Lino, David Ribeiro Telles, Carvalho & Coutinho (Jorge de Carvalho e Dias Coutinho), João Mascarenhas, Organizações Taurinas "Os 3 Tércios", Lda., José Agostinho dos Santos, Eng.º Jorge de Carvalho e V.P. & Associados, Lda.

Com a entrada do séc. XX, nos primeiros anos o Eng.º Jorge de Carvalho explorou a praça, episodicamente em sociedade com Manuel Gonçalves, altura em que se realizou a primeira corrida televisionada em Arruda dos Vinhos. Tratou-se da Corrida TVI, na noite de 16 de Agosto de 2001, com toiros de Ortigão Costa lidados por Joaquim Bastinhas, Luís Rouxinol, Sónia Matias e Ana Batista. Os forcados foram os de Santarém e Alcochete. Mediada a primeira década do novo século, ganhou protagonismo a Tertúlia "O Piriquita" (dinamizada pelo aficionado arrudense Pedro Faria) que tomou as rédeas da praça, fazendo sucessivas parcerias com as empresas Maestranza, Lda (2006 / 2009) de Vasco Durão; Soc. Campo Pequeno / Rui Bento (2010 / 2011) e Tauroleve (2012 / 2013). Neste período de oito anos, "O Piriquita" dinamizou a *afición* arrudense com várias iniciativas muito louváveis: o Intercambio Ibérico da Cultura Taurina; o 1.º Bolsín Galardão João Alberto Faria e o Encontro Internacional de Escolas Taurinas. Foi neste período que também se realizaram alguns festivais com figuras do toureio, tais como Ortega Cano, Pepín Liria, Juan António Ruiz Espartaco, José Pedro Prados El Fundi, Juan José Padilla e António Ferrera e outros, como Israel Lancho ou Álvaro de la Calle. Foi igualmente no período de vigência de "O Piriquita" que a revista Novo Bur-

ladero organizou na praça de toiros de Arruda dos Vinhos a sua 11.^a edição da novilhada da “Orelha de Ouro”, conquistada pelo novilheiro espanhol Javier Jiménez.

Refira-se ainda que foi na fase em que Vasco Durão organizou as temporadas arrudenses, que se realizou nesta praça a 1.^a Corrida de Gala à Antiga Portuguesa, na noite de 16 de Agosto de 2009, com um cartel composto por António Ribeiro Telles, Manuel Ribeiro Telles Bastos e João Ribeiro Telles Jr. Os forçados foram os de Vila Franca de Xira e os toiros, do Eng.º Jorge de Carvalho.

Por iniciativa da Tertúlia “O Piriquita”, foi inaugurado o Oratório em honra de Nossa Senhora da Salvação, padroeira de Arruda dos Vinhos, no pátio de quadrilhas da praça, a anteceder a corrida de 16 de Agosto de 2013.

Mais tarde, por diligência da Câmara Municipal, a 17 de Agosto de 2015, foi descerrado, também no pátio de quadrilhas, um painel de azulejos, a propósito dos 90.º aniversário do tauródromo,



» Oratório em honra de Nossa Senhora da Salvação – Arquivo CMAV

em homenagem às famílias que estiveram envolvidas na sua construção.

De novo, houve uma corrida de Gala à Antiga Portuguesa, na noite de 17 de Agosto de 2017, para comemorar os 500 anos do Foral Manuelino de Arruda dos Vinhos, com um concurso de ganadarias, já na fase do regresso do Eng.º Jorge de Carvalho à praça da sua terra, dando os espectáculos em nome do Clube Tauromáquico Arrudense. No mesmo ano, foi requalificado o espaço exterior da praça de toiros, ficando com um aspecto muito mais acolhedor e atractivo.

Só em 2020 passou a praça para as mãos da empresa Ovação & Palmas, que não pôde dar toiros nesse ano, devido à pandemia, regressando à actividade em 2021.

NOMES SONANTES NOS CARTÉIS ARRUDENSES

Pelo tauródromo arrudense já passaram praticamente todas as principais figuras do nosso toureio a cavalo e também no que toca a matadores e novilheiros, já que as corridas eram maioritariamente mistas até meados dos anos 70 do séc. passado. Dos portugueses, à excepção de Manuel dos Santos, Francisco Mendes e Pedrito de Portugal, julgamos que praticamente todos os nossos matadores doutorados até meados da década de 90 do séc. passado, pisaram a arena de Arruda dos Vinhos. Dos estrangeiros, registam-se os nomes dos mexicanos Raul Garcia e António Lomelín, o colombiano Manolo Zúñiga, o equatoriano Guillermo Albán, os venezuelanos Bernardo Valência e Jorge Jiménez, e dos espanhóis Pedrín Benjumea, Juan Pedro Galán, Juan António Esplá, Pepe Moral, para além dos anteriormente mencionados.

A HISTÓRIA DA TERTÚLIA BONS AMIGOS

1 – Como é que nasceu a Tertúlia “Bons Amigos”? E quem foram os fundadores?

A Tertúlia os “Bons Amigos” surgiu na sequência de uma troca de ideias entre amigos, o Luís do Vale, o Luís Alves, o João Carvalho e o José Alberto, no sentido de darmos mais vida durante as largadas na parte mais baixa da Rua Cândido dos Reis, ficando assim deste modo com mais animação e participação tauromáquica de todos.

2 – A Tertúlia já passou as três décadas de existência. O facto de serem mesmo “Bons Amigos” é o segredo para a longevidade do grupo?

Na verdade comemoramos o nosso 32º. Aniversário. Oficialmente tudo começou no dia 14 de agosto de 1990 numa velha galera, que era puxada a bois, emprestada pelo senhor Asdrúbal Cunha. A nossa tertúlia foi crescendo ao longo dos anos e, mais tarde já com 10 elementos na sua composição (sócios) conseguimos adquirir o nosso primeiro autocarro. E foi sempre amizade e a cumplicidade entre todos que a fizeram crescer naquilo que somos hoje ao fim de 32 anos.

3 – Quem é e qual a idade do elemento mais antigo e do mais novo?

Atualmente somos 10 amigos que estamos na gestão da tertúlia, sendo o mais velho o Luís do Vale e o José Alberto, um dos fundadores. O mais novo entrou este ano 2022, o Tiago Menino.

4 – Para além da participação nas Festas de Agosto, promovem mais algumas iniciativas durante o ano?

A nossa participação resume-se às Festas de Agosto, não possuímos sede física. Além do mais, todos temos os nossos afazeres profissionais e pessoais, e para que tudo esteja apostos para podermos sair à rua, isso implica com antecedência, muitos meses de trabalho com inerentes custos financeiros, que não são assim tão poucos.

5 – Como é que é feita a preparação para a Festa?

Tudo tem de ser muito bem planeado e organizado, e mesmo assim na altura de efetivarmos existem surpresas, e quanto mais agirmos com antecipação



melhor preparados estaremos. A questão financeira é um fator também importante, na verdade essencialmente contamos somente com a boa vontade dos sócios, alguns pequenos patrocínios e, no fim os custos são sempre mais elevados do que o que prevíamos e são os sócios “bons amigos” que vão ter de cobrir os respectivos encargos.

6 – Sentem que as Tertúlias Moveis são um “cartão de visita” das Festas de Agosto?

Sem dúvida, e pensamos que o Município deveria valorizar mais o papel das tertúlias, nomeadamente, efetuar um apoio financeiro direto, os custos são elevados. É algo único no país e, infelizmente só se valoriza quando se deixa de existir, é a nossa cultura vigente e, o nosso papel tem sido ao longo dos anos contrariar esta tendência.

7 – Como é que sentem a camaradagem entre as Tertúlias mais velhas e as mais recentes?

A camaradagem existe e sempre existiu, é a razão da nossa existência. Em todas as tertúlias tem de existir todo um espírito de interajuda, sem isso não se sobrevive. As tertúlias em ação não são só festa, é muito trabalho na realidade, talvez o momento de maior confraternização é o almoço das tertúlias, onde interagimos com todos, a partir daí é trabalho e mais trabalho e muita responsabilidade em termos de segurança e, noites mal dormidas para deixar tudo pronto para quem nos visita no dia seguinte. É uma autêntica maratona, que sem camaradagem nada disto seria possível.

8 – Este ano vamos ter mais uma Largada de Toiros. Preparados para viver as Festas de forma ainda mais intensa?

Estamos sempre preparados, afinal são 32 anos interrompidos a sair à rua, com exceção dos dois últimos anos devido à pandemia do Covid 19. Vivenciamos sempre com grande intensidade, isso é a alma da nossa força e a razão pela qual existimos.



9 – Como é que vão assinalar o 32.º aniversário?

O nosso aniversário vai ser comemorado da melhor forma, como em todos os aniversários, é estarmos na rua a fazer aquilo pelo qual durante meses a fio trabalhamos, que é estarmos em festa na Festa!

A HISTÓRIA DA TERTÚLIA GASTRONÓMICA ARRUDENSE

1 – Pode-se dizer que a Tertúlia nasceu do gosto conjunto, de todos os elementos, pela gastronomia, em especial pelos pratos típicos da região e pelo vinho da nossa terra?

A TGA nasceu para colmatar o sonho de alguns tertúlianos com o gosto pela festa brava e pelo petisco, onde sempre houve a bela da caldeirada feita pelo Rosa Mendes, as iscas feitas pelo António Bigodes e muitas outras iguarias da região, sempre com vinho da região.

2 – Há nomes que fazem parte da V. história, mas infelizmente já não se encontram entre nós. Querem-nos falar de algumas dessas pessoas?

A TGA nasceu pela mão dos Srs. Luis da Bomba, Augusto Franco, António Bigodes, Carlos Lourenço, Frederico Canas, Asdrúbal Cunha e muitos outros que colaboraram sempre dentro do mesmo espírito. Muitos deles já não estão entre nós, mas deixaram o seu legado, cada um à sua maneira, com a sua boa disposição e sentido de humor, sendo de destacar o Luis da Bomba que sempre foi a máquina impulsionadora desta tertúlia, o Fernando Costa no início e o Rosa Mendes sempre cada um com seu estilo próprio com os tachos,

onde sempre se recebeu os amigos e se provou os vinhos e os petiscos.

3 – Inicialmente, tiveram o nome de Princesinha do Agreste...

Ainda temos o nome de Princesinha do Agreste, que será sempre a nossa viatura, bem ao jeito da novela de Jorge Amado.

4 – A TGA é das mais antigas, mas tem-se mantido viva com o passar dos anos...

A TGA tem sempre, como o nome indica, a sua maior vertente a gastronomia que nos faz juntar sempre que podemos várias vezes por ano, muitas das vezes para fazer reuniões para e debater temas da tertúlia, mas no fim do almoço e bem regadas as refeições, já ninguém se lembra do tema.

5 – Para além da participação nas Festas de Agosto, promovem mais algumas iniciativas durante o ano?

A participação da TGA nas seculares Festas da N. S. Salvação são sempre o ponto alto do ano de qualquer tertúlia e depois vem as famosas almoçaradas e as não menos interessantes reuniões.



6 – Como é que é feita a preparação para a Festa?

A TGA tem os seus estatutos que são sempre relembrados pelos mais velhos, e depois nas últimas reuniões são combinadas refeições, convidados, t-shirts e polos... tudo dentro do espírito da festa.

7 – No último ano das Festas de Agosto, a Tertúlia apareceu de “cara lavada”, mas com uma mensagem importante de promoção das nossas tradições taurinas...

Com o aumento da população tertuliana era um sonho já antigo ter uma viatura maior, sem nunca descurar as origens e mantendo as tradições. Tornámos o sonho realidade pela mão de algumas pessoas que deram o seu melhor contributo, como o seu trabalho ou a sua criatividade e outros que contribuíram financeiramente.



8 – A pandemia privou-nos, durante dois anos, de muitas coisas. Sentem que as Festas de Agosto deste ano vão ser vividas ainda com mais intensidade?

Temos, como se tem vindo a realizar por todo país, cada um com as suas festas, muitas expectativas para este ano, depois de termos sido privados da nossa liberdade nestes dois anos, temos saudades daquela azáfama festeira...

9 – Consideram que as Tertúlias Moveis de Arruda dos Vinhos são um ex-libris das Festas de Agosto e que devem ser valorizadas como tal?

Como tertuliano (José Plácido) espero que este movimento único no país, venha sempre a crescer, que um dia seja suficientemente forte para organizar, em colaboração com Confraria N. S. Salvação e a Câmara as festas. Desejo que todos se divirtam o máximo e saibamos receber todos por igual.



A HISTÓRIA DA TERTÚLIA DA AMIZADE

1 – A Tertúlia comemora este ano o seu 30.º aniversário. Como é que nasceu e como é que ao longo destes anos se tem renovado?

A Tertúlia da Amizade de Arruda dos Vinhos foi fundada em Agosto de 1992 por um grupo amigos que trabalhavam todos na mesma instituição/ empresa. Desde então, marcamos presença nas várias festas do concelho, nomeadamente, nos seculares festejos em Honra de N^a Sr^a da Salvação.

2 – O nome da V. Tertúlia faz jus ao V. lema...

*Somos TERTÚLIA,
ARRUDA, as nossas raízes,
AMIZADE, o nosso lema,
TRADIÇÃO, o que nos une!*

É nosso dever transmitir a nossa cultura às gerações vindouras, envolver toda população e receber muito bem turistas e curiosos, ansiosos por conhecer e associar-se às nossas tradições populares.

3 – A maioria dos tertúlianos é da mesma faixa etária, ou congrega pessoas de diversas idades?

A nossa Tertúlia orgulha-se de poder contar com anos de tradição, tendo pessoas de todas as

idades, desde com 1 ano de vida até aos 70 anos. É tão gratificante!

4 – Para além da participação nas Festas de Agosto, promovem mais algumas iniciativas durante o ano?

Quando podemos fazemos algumas festas camperas e vamos todos juntos para uma ganadaria, por norma para a Ganadaria José Dias em Benavente, e passamos o dia lá. Também por norma participamos no aniversário dos Bombeiros Voluntários, com a nossa presença nas suas Vacadas e igualmente na Festa em Homenagem a S. Miguel de Arcanjo nas Cardosas. A nossa missão é ajudar e servir os arrudenses, contribuindo ativamente nas ações humanitárias e ações sociais promovidas por nós ou por outra instituição, mantendo viva a componente de solidariedade e de amizade no nosso concelho.

5 – Como é que é feita a preparação para a Festa? Organização das refeições, escolha das t-shirts, etc...

Todos têm opinião, todos têm a oportunidade de participar ativamente na organização da tertúlia.



Todos os finais de ano, fazemos uma reunião geral com todos os sócios, fazemos um levantamento do que correu bem, mal, apresentamos contas e escolhemos a cor da nossa T-Shirt do próximo ano, onde sugerimos 4 cores para ir a votos, e vence a cor escolhida pela maioria. Estamos divididos em vários grupos de trabalho, Manutenção, Logística, Limpeza, e membros da direção, e cada um já sabe qual o papel a desempenhar para esse ano. Não é um sistema infalível e perfeito, mas ajuda-nos a alinhar as nossas vidas pessoais e profissionais com a organização da nossa Tertúlia.

6 – Ultimamente, a Câmara Municipal tem apostado na promoção das Tertúlias Móveis. Concorda com a dinâmica que se tem pretendido dar ao fenómeno?

Concordamos, subscrevemos, e esperamos que um dia as nossas Tertúlias sejam um dos palcos principais desta festa, existindo a oportunidade de ajudar na dinamização das festas no Jardim Municipal durante os restantes dias da Festa. Imaginem como seria a nossa festa se cada Tertúlia, juntamente com a Câmara, organizasse um dia da festa? E não tinha necessariamente que estar relacionado só com o mundo tauromáquico, mas porque conhecemos todos as nossas raízes, as nossas tradições, e juntamente com a nova “ERA” sem dúvida que “ganharíamos” todos com isso e ficaríamos mais fortes.



7 – O facto da pandemia nos ter “separado” durante dois anos leva-vos a pensar que este ano as Festas de Agosto vão ser vividas com maior fulgor?

Este ano vai ser uma festa de arromba no seu geral, pelas saudades que todos nós temos da nossa festa e pela necessidade de estarmos todos juntos sem quaisquer limitações físicas. Imaginar que nos prenderam durante dois anos... sem dúvida que vai ser de ficarmos todos de coração cheio.

8 – Estão a pensar comemorar o aniversário de alguma forma especial?

Depois de 2 anos duros para os portugueses, e neste caso para arrudenses, com tantas alterações no mundo e nas nossas vidas, fomos obrigados a olhar para tudo de uma forma diferente, talvez mais ponderada. Hoje estamos muito mais focados no nosso eu, na nossa família e nos que nos rodeiam, e por isso optamos por fazer uma comemoração mais íntima e mais calma entre sócios e amigos da Tertúlia da Amizade para voltarmos a reforçar os nossos laços e as nossas amizades. No fundo, voltarmos a conhecemo-nos!

É claro que teremos um dia especial, e iremos ter um Dj no dia 14/08 no nosso autocarro para marcarmos esta data tão importante para nós, e toda a população está convidada a vir comemorar e a brincar connosco, passando de 13 a 17 de Agosto no nosso autocarro, e brindar aos 30 anos da Tertúlia da Amizade.



TERTÚLIAS MÓVEIS



Arruda
dos Vinhos